

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTÓRICA
E
PREHISTÓRICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Introdução.....	Pag. 1
Monumentos Celticos — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 2
Carta do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa á redacção do <i>Commercio de Portugal</i>	» 6
Antiguidades Romanas do termo de Cintra — Memoria offerecida em 1836 a El-Rei o Senhor D. Fernando, pelo padre ANTONIO GOMES BARRETO.....	» 9
Explicação da estampa n.º 85 — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 12
Conselhos dos archeologos para a conservação dos objectos antigos soterrados.....	» 14
Chronica.....	» 15
Noticiario.....	» 16

INTRODUÇÃO

Vamos começar o XVI anno da publicação do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Em Portugal é o primeiro no genero, não só em archeologia, como tambem em architectura, contando já muitos annos de duração.

Nos paizes em que a sciencia de archeologia é cultivada e apreciada por grande numero de pessoas que se applicam a estes interessantes estudos, não admira que se conservem e prosperem as publicações d'esta ordem; mas no nosso paiz onde são tão raros os individuos que se dedicam a estas investigações, e onde não se dá a precisa protecção a similhantes trabalhos, sem duvida se reconhecerá ter havido bastante vontade e perseverança para publicar este Boletim com toda a regularidade.

Outras obras scientificas se teem dado á luz com sufficiente protecção do Governo, não só por meio de subsidios pecuniarios, mas imprimindo-se na Imprensa Nacional; porém o nosso Boletim não tem sido favorecido com esses valiosos auxilios, não obstante ser composto em grande formato, e illustrado com photographias de chapa inteira,

gravuras de formato grande e estampas. Podemos sem exaggero declarar que nos temos esforçado quanto possivel para dar impulso aos estudos archeologicos entre nós, não obstante serem necessarios grandes sacrificios para se manter esta publicação.

Não nos cega o amor proprio de julgarmos as nossas humildes lucubrações de merecimento igual ao dos trabalhos d'esta natureza que nas outras nações illustradas se publicam; todavia suppomos, que pelo nosso patriotismo e perseverança teremos merecido receber dos nossos benemeritos leitores a sua protecção para progredir este Boletim.

No decurso dos ultimos cinco lustros temos publicado cento e oitenta numeros de formato in-4.º, com 1920 paginas, 36 photographias e 52 gravuras, constando de variados artigos: sobre architectura 194, e sobre archeologia 126. Pode-se avaliar por este resumo a importancia dos assumptos de que nos temos occupado, e a vantagem com que temos conseguido a divulgação de conhecimentos scientificos no nosso paiz. Emquanto ao merito do Boletim, o publico illustrado e imparcial o poderá aquilatar pela sua importancia archeologica e civilisadora.

A REDACÇÃO.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MONUMENTOS CELTICOS

Os tumulos celticos. Estes monumentos apresentavam na parte externa uma forma espherica, formando grupos separados uns dos outros em distancias diversas, quasi sempre proximos das estradas que os romanos occuparam depois da sua invasão.

Quando se descobrem esses comoros sepulchraes, ha toda a probabilidade de se encontrar no interior d'elles restos mortaes da primitiva população, que esteve sob o jugo victorioso de Roma, habitando o mesmo paiz, ou fosse por terem occupado já muito antes as suas tribus e ali collocassem as suas habitações, a posto fixo, e houvessem já arroteado a localidade, ou mesmo sob a protecção romana tivessem recebido terras para as colonisar.

A nympha *Abnoba*, que presidia ás montanhas, onde o Danubio tem a sua nascente, era uma divindade celtica: foi mais tarde confundida com a divindade Diana pelos Romanos. Então os celtas fundavam aldeias n'esses sitios e davam nomes tirados da sua lingua, aos montes, aos rios, ás torrentes proximo das quaes se tinham estabelecido. Os vestigios que d'este povo se tem descoberto, e mesmo em algumas partes conservado na Allemanha, Hespanha e Portugal, não obstante as conquistas dos romanos e as invasões dos barbaros vencedores e dos denominados mouros, existem ainda, posto que tenham já decorrido tantos seculos.

Os nomes das localidades que nos foram transmittidos pelos romanos são de origem celtica; devemos portanto convencer-nos de que os habitantes d'essas aldeias ficaram ali estacionarios sob o dominio das tribus vencedoras. Os celtas haviam ficado senhores das povoações das quaes Roma por sua vez aproveitou os entrenchearmentos: em redor d'ellas e mui principalmente em torno dos castellos romanos, apparecem grupos mais ou menos consideraveis pertencendo a tumulos e comoros d'esses primitivos habitantes; o que nos explica por que esses sepulchros acompanham em geral na campina a direcção da antiga via romana, que ligava essas povoações entre si e que por tradição, assim como nos antigos documentos, se chamava *estrada pagã*, sendo esta denominação particular para designar as vias romanas em geral. Proximo d'essas povoações, havia sempre o bosque sagrado, no interior do qual os mortos eram enterrados.

Ninguém ignora que nos enterramentos a religião preenchia um importante lugar entre os povos da antiguidade. As almas, conforme a crença de todas

as tribus celticas, suppunha-se que residiam no seio da divindade, até á epocha da sua regeneração. Era pois debaixo da sombra das arvores, que se praticava o sacrificio aos deuses *Manes* no meio dos circulos que o pontifice traçava para que a terra ficasse purificada pelo fogo, sendo ali successivamente collocados os corpos, até que esse tumulo onde toda a familia dormia o somno eterno, se achasse sufficientemente cheio; então o cobriam com terra, que devia marcar para sempre aquelle logar. D'aqui provém a differença do numero de esqueletos que encerram este genero de sepulturas, em todos os paizes, em todos os sitios, quer proximo dos rios quer nas altas montanhas, ou nas planicies. Nas maiores encontram-se muitas vezes poucos corpos sepultados, enquanto em outras, muito menos consideraveis, encontram-se os corpos até duas ou tres camadas sobrepostas. Collocar esses restos mortaes dentro do circulo, era confial-os á divindade, pois que entre todas as nações do antigo paganismo, o circulo fôra o symbolo da eternidade. Foi d'esta origem que tomou o christianismo o chamar ao caixão em que se enterravam os cadaveres dos christãos, mettê-lo *in circulo*, posto que já o costume do circulo estivesse abolido, e os caixões fossem de forma quadrilonga.

Quando se nota o pequeno intervallo que separa os tumulos deve-se suppor que em epocha bem remota foram erguidos esses comoros, e que tinha havido outros n'esse intervallo, pertencendo todos sem duvida a uma grande povoação, alguma outra das suas visinhanças, a fim de aproveitar a sombra sagrada mais proxima de algum bosque, quando porventura as terras habitadas fossem alagadiças. Tanto assim é que se encontram alguns sepulchros rodeados de um simples ou duplo fosso, para evitar que passando todos os annos as aguas por cima lhes tirassem necessariamente uma parte da terra que os cobria. Nas planicies, muitos tem de elevação 4 metros acima do solo, e nas terras humidas a maior parte não tem hoje mais de um metro, não obstante ser quasi de 24 metros o seu diametro.

Estes sepulchros, cuja applicação religiosa não pôde ser negada, são quasi todos conformes, no interior, a muitos observados em diversos logares.

Quando o solo era formado de alluvião, e da mesma natureza em todo o gyro do circulo, pelo terreno circumdante, não se fazia necessario, na occasião de construir esses tumulos, peneirar a terra, como se praticava nos logares em que o

terreno era muito pedregoso, com o fim de não apparecer vestigio algum de pedra dentro do recinto reservado ás sepulturas.

Muitas vezes não se encontram signaes da cinza que devia purificar o circuito do sepulchro; devendo-se attribuir a falta d'esta circumstancia essencial á grande humidade que teria o solo, ou talvez ás inundações successivas durante muitos seculos.

Nos terrenos almargeaes de *Schlestadt*, apparecem preparados para receber uma só camada de cadaveres. No centro mesmo do grande circulo encontrou-se um esqueleto de mulher, o qual tinha 1^m,65. Ao queixo inferior estava encostado um collar de bronze massigo, de feitio o mais elegante, estando n'elle embutidos tres botões de ambar encarnado, collocados no lugar da frente. Os dentes tinham conservado o seu esmalte. Dos dois lados da cabeça es achou um pequeno brinco de ouro fabricado em uma chapa curva bambeada e ornada de pequenos pontos regulares. Aos pés do esqueleto appareceram uns bocados de louça de barro branco e friavel, circumstancia commum em quasi todas as sepulturas. Os dois braços, cujas extremidades já não existiam, estavam estendidos á ilharga do corpo. Quando se tirou do seu lugar o collar e os ossos pertencentes á cabeça, viu-se distinctamente uma sombra acinzentada que se destacava da côr negra do solo do tumulo, e era indubitavelmente proveniente dos restos da cinza sobre a qual o cadaver fôra depositado: encontrando-se aqui o mesmo que se havia observado em outras escavações.

Era pelo sacrificio aos deuses *Manes*, que os funeraes principiavam. Antes de depôr o cadaver, cobria-se o chão da sepultura com cinzas apanhadas no brazeiro sagrado, e sobre essa camada, geralmente mais alta no lugar em que devia ficar a cabeça, collocava-se o corpo vestido com os seus habitos. Se era um guerreiro, punham ao lado d'elle as suas armas; se era uma mulher, muitas vezes a sua roca estava junto d'ella; se era um chefe, as cinzas e os ossos calcinados do seu cavallo de batalha, do escravo e do cão fiel que elle mais tinha estimado, estavam depositadas junto d'elle em um vaso no recinto do circulo.

Em outro tumulo proximo d'este foi achado um cadaver deitado sobre o solo; á roda do pescoço do guerreiro, havia uma grande argola de bronze, o que representava entre os celtas um signal de auctoridade e bravura, como o comprovam as suas moedas, tendo numerosas effigies dos seus chefes ornadas por este modo. Ao lado do collar estavam dois alfinetes de bronze, ornados de grandes botões de ambar encarnado, e composto de tres bocados, cuja reunião fórma uma perola ornamentada, da grossura de uma grande noz. Nenhuma arma se descobriu; todavia no sitio em que deveria achar-se

a espada, algumas parcellas de ferro oxydado, sem apresentar configuração alguma, fizeram suppôr ser um resto d'aquella arma. Geralmente, tudo aquillo que era de ferro parece ter desaparecido no maior numero de to los estes tumulos. A raridade d'este metal n'essa epocha, o fazia aproveitar para fazerem colchetes, fivellas, viriolas e outros objectos de ornamento.

Em outra sepultura aberta a pouca distancia, encontraram-se d'essas viriolas de bronze, *torques*, bem conhecidas, de metal flexivel, porém de uma solidez resistente a todos os accidentes, a que estava exposta a existencia arriscada de um homem d'esses tempos remotos.

N'este mesmo terreno se descobriu uma outra sepultura muito interessante, a qual continha os restos de uma joven, tendo ao pescoço um rodele similhante áquelle com que estava ornado o primeiro de que fallámos, pertencente ao outro esqueleto de mulher. Pela boa conservação dos dentes, assim como pela falta dos dentes supernumerarios e dos dois caninos, não devia ter essa mulher mais de vinte annos. Perto do collar que lhe pertencia, se encontrou um fragmento de um colchete de bronze, destinado a segurar a capa em cima do vestido.

As fivellas ou colchetes eram de duas especies: umas, as maiores, para segurar, fosse a capa, fosse o vestuario de baixo; as outras, mais pequenas e delgadas, e em geral menos ornadas, deviam servir a prender o vestido ao corpo. Encontram-se frequentemente em algumas sepulturas tanto umas como outras. N'esta não se acharam, talvez por ser o vestido de baixo de feitio que não necessitasse d'este genero de joia para o segurar.

N'um comoro que media 22 metros de diametro situado na referida localidade, encontraram-se sete sepulturas e fragmentos de louça de barro. Logo que a terra sobreposta foi retirada, descobriu-se no centro do circulo o primeiro esqueleto; era de um homem, com a estatura de 1^m,9. A cabeça estava de uma perfeita conservação. As raizes de uma arvore que tinha penetrado na cova circulavam em todos os ossos e os haviam feito estalar em parte. Junto do pescoço appareceu uma fivella guarneçada de um botão de ambar na parte inferior. Era o que devia segurar o habito superior, por baixo do qual havia fluctuado sem duvida a pelle d'urso em cuja capa uma grossa passadeira de marfim escurecido já pelo tempo deveria ter prendido á extremidade.

Aos dois lados do primeiro esqueleto, orientado sul-sudoeste, se encontraram em uma camada mais baixa, duas outras sepulturas, uma das quaes estava orientada ao norte-noroeste, e a outra exactamente ao norte. N'esta ultima apparecia uma parte das tibias, cujas extremidades se achavam escondidas

pelo esqueleto superior. Na da esquerda estaria provavelmente enterrada uma mulher, julgando isso pela belleza das viriolas ou braceletes de bronze que ornavam os seus dous pulsos, e que indicavam na pessoa que os trazia a maior delicadeza de corpo. O braço direito estava estendido, e o esquerdo posto sobre o peito. A ilharga achou-se um vaso que devia conter a ultima refeição, assim como se encontrou o vaso cinerario, ao pé da bocca; media 26 centímetros. O que havia dentro eram cinzas e ossos calcinados, mas em parcelas tão pequeninas que se não distinguia a sua natureza. Talvez fossem de algum animal; pois a *incineração* do corpo humano não se julga ter sido praticada entre as tribus celtas. Se em uma época mais remota, assim como confirmam as testemunhas da historia, usavam em algum caso particular de reduzir o cadáver a cinzas, quando se procedia aos funeraes de uma pessoa illustre, como já citamos quando se encontrou o cavallo do guerreiro, eram então queimados e encerrados dentro de uma urna os despojos mortaes do escravo immolado, em holocausto, ao lado de seu amo.

Quantas urnas semelhantes, cujos ossos decompostos não poderam ser analysados, tem illudido as investigações dos archeologos, muito precipitados no formular o seu conceito, sobre os despojos d'aquelle aos mânes do qual essas cinzas deviam servir de expiação, e de que todo o vestigio havia desaparecido!

O costume de enterrar os mortos com a sua ultima refeição nos é affirmado por grande numero de exemplos. Era posto sobre o solo, sobre uma pequena chapa de bronze, sobre uma esteira ou sobre qualquer outro objecto, o vaso em que traziam a refeição. Umas vezes collocavam-no junto da cabeça do defuncto, outras sobre o proprio cadaver. As vezes encontram-se outros vasos, de louça ou bronze, que serviam para as libações.

São estas confrontações que nos podem servir muito melhor para comprovar a communitade d'origem e dos costumes das diversas tribus que nos deixaram as suas sepulturas aonde os celtas haviam collocado as suas habitações. Os dous braceletes que rodeavam os ossos do punho de um dos esqueletos, já citado, e cuja figura caracteristica é tantas vezes reproduzida sobre as moedas celtas, onde parece ter sido collocada como symbolo, on talisman, são exactamente a reprodução das joias d'este genero; nas outras encontradas em diversos pontos, tanto o peso, como a fôrma, e ornatos, tudo é identico; podia-se julgar terem saído todas da mesma matriz.

Têm-se achado moedas celtas d'uma época bastante antiga, muito antes da occupação do territorio pelos romanos: portanto as sepulturas em

que essas moedas foram encontradas, e na supposição de que sejam os cadaveres contemporaneos d'essas mesmas moedas, datam de ha mais de 20 seculos.

Se levarmos as nossas pesquisas a outro ponto, veremos confirmado os indicios que nos certificam o uso constante das ceremonias funereas, dos celtas, em todas as tribus disseminadas no nosso continente, sendo religiosamente praticados os preceitos que a sua crença e os usos dos seus antepassados lhes haviam transmittido.

Vejamos o que de curioso se encontrou nos bosques de *Rixheim: Mulhouse*.

Ao sudoeste de *Rixheim* e a oeste de *Zimmersheim* existe uma collina coberta de mato, em baixo da qual circula um ramo de uma estrada cortada por uma via romana que se dirigia antigamente a *Epamandudurum*. Por cima da calçada d'essa estrada, cujos vestigios são visiveis até a proximidade de Brueboch, existia ainda intacto em 1858 um d'esses monumentos funereos dos celtas, além de muitos outros *tumuli* que se encontram nos arredores.

A collina, no seu estado primitivo, media 30 metros de diametro sobre 4 metros e 35 centímetros de alto; procedendo-se a escavações, os diversos cacos de barro, os ossos e fragmentos de aneis achados em diferentes sitios do *tumulo*, deixam evidente que os enterramentos tinham sido feitos em grande numero; todavia encontraram-se duas sepulturas bem conservadas para serem estudadas.

A primeira pertencia a um guerreiro. O seu esqueleto enterrado da parte do norte, era de um corpo de grande estatura e de robusta conformação. Estava deitado, com os olhos voltados para o oriente. Aos pés tinha uma urna, de cor escura, de 80 centímetros de alto e 24 de diametro na parte bojuda. Estava cheia de cinza misturada com terra, e apresentava, na parte externa, signaes visiveis de fogo ao qual estivera exposta. Nesta urna, como no vaso achado no outro *tumulo* de que fizemos a descripção havia tambem encerrada uma pequena gamella, que já não continha os ossos calcinados que se lhe teriam depositado, conforme o uso dos Celtas. Esta pequena gamella media 4 centímetros de alto. Junto do braço esquerdo havia os restos de uma fivella composta de arame grosso de lação enroscado. O corpo tinha sido posto sobre a cinza que apparecia em fôrma circular á roda do esqueleto; estando mais amontoadá debaixo da cabeça, onde fôrma uma camada alta em cima de uma pedra calcarea, tendo ainda os vestigios de fogo. Uma cousa difficil de explicar, foi achar-se quasi um metro mais fundo e á direita do cadaver a espada, que sem duvida lhe pertencia, e posto

que quebrada em 8 bocados, media ainda assim 90 centímetros de comprido. Sobre a espiga do punho estavam inherentes 3 pregos de cobre para fazer fixo o punho. Na lamina de dous gumes notavam-se alguns bocados de tella saturada d'oxydo com signaes do contacto da madeira que lhe serviu de bainha; sendo esta a primeira espada encontrada n'este sitio.

A segunda sepultura, transversal á primeira, pertencia a uma mulher. Estava deitada na direcção do nordeste, a 67 centímetros sómente do cume do *tumuli*. Esta circumstancia fizera recordar outro achado n'este genero, onde a tinham collocado a alguma distancia do cadaver de um homem, rodeado de vasos que continham os despojos do seu cavallo e do seu escravo e que tinha sido enterrada a 50 centímetros por baixo da relva que cobria o comoro: talvez seria uma mulher que lhe tivesse maior affecto.

Aos pés da defuncta, proximo de uma pedra calcarea de 70 centímetros de comprimento, haviam posto uma pequena urna de barro amarello, de uma fôrma elegante, e de 6 centímetros sómente de altura. Descobriu-se sobre o esqueleto um brinco com pingente de bronze, e dous alfinetes de tamanhos differentes; por detraz da cabeça, um pequeno anel do mesmo metal de 9 centímetros de diametro; perto do pescoço estava uma argola destinada a segurar o vestido no braço, cujo fecho era ornado de um botão muito bonito. Uma segunda argola semelhante á outra estava posta junto dos pés. Estas duas joias eram oucas. No lugar da cintura conheciam-se os restos do revestimento em bronze da cintura metalica que apertava o fato, existindo apenas o pé coberto de oxydo. Conforme estas indicações, o vestuario da mulher compunha-se de um vestido que a cintura metalica segurava formando pregas; os braços e as pernas tinham argolas, e por cima d'este habito fluctuava a capa que ficava preza ao hombro pelos dous alfinetes; tal seria a moda das mulheres n'esse tempo remoto.

Outra descoberta feita no bosque de *Brumath*, é de summa importancia, pelo precioso achado em um dos tumulos, que não só é muito interessante pela significação do objecto em si mesmo, como nos vem convencer da remota antiguidade d'ella.

Os comoros funereos do bosque de *Brumath*, o maior dos quaes não tem menos de 36 metros de diametros e 108 metros de circumferencia na base, estão divididos em muitos grupos, bastante approximados uns dos outros, o que indicava terem pertencido á mesma tribu. O perfeito estado da sua conservação externa, que o maior numero apresentava, provém sem duvida de que, estando occultos e esquecidos no antigo bosque sagrado, que servia

de necropole, continuaram a ficar protegidos pela sombra de suas arvores seculares, não obstante os multiplicados cortes, que no correr dos seculos ahi se tem praticado.

Muitos pinheiros agitavam a sua sombra melancolica sobre a vertente de dous comoros; o maior media 28 metros de diametro sobre uma altura de 3 metros acima do nivel do solo circumvizinho.

Abriu-se uma trincheira em todo o diametro do monumento, no cimo do qual apparecia uma especie de escavação de alguns metros de circumferencia; o que indicava no interior os vestigios de um monumento sagrado. Na profundidade de 4 metros principiaram a apparecer aqui e acolá parcelas de carvão, e vestigios de cinza no lugar em que se suppunha estar o centro sagrado: profundando-se mais 3 metros, os vestigios de carvão e cinzas augmentaram, estando todo o terreno do centro impregnado. Cavando-se ainda mais 1 metro e 50 centímetros no meio do comoro, ficaram a descoberto algumas parcelas de madeira; posto que desfazendo-se pelo seu estado de podridão, servia para tapar uma superficie de 40 centímetros quadrados sobre uma grande quantidade de cinzas amontoadas; pouco carvão havia misturado.

Examinando-se mais escrupulosamente a madeira, viu-se que a tampa estava unida a um fundo, que na sua origem havia pertencido a um cofre, cujos lados, no correr dos seculos, se tinham desfeito, e a tampa, não tendo os amparos dos lados, descaira até ao fundo do referido cofre, onde a areia humida, tendo penetrado, junto ao oxydo do bronze do objecto que ella continha, as havia soldado uma á outra.

Porém, qual não foi a admiração, quando se conseguiu desunir as duas taboas, encontrando-se entre ellas e no centro escondida uma comprida *kelt*, machado, de bronze e ao lado d'esta arma o cutello sagrado do mesmo metal! O oxydo que cobria este ultimo havia-o corroido, pegando-o á madeira superior e inferior, de maneira a parecer á primeira vista estar mettido em um estojo. O cutello achava-se em tal estado de oxydção que se desfz logo que se lhe tocou.

A *kelt*, assaz bem conservada, posto que bastante oxydada, contém, nas suas duas cavidades, algumas parcelas de madeira em que foi encavada. A parte interior da arma é de 0^m,1 de comprido sobre 0^m,04 de largo no seu gume. A cavidade de cada lado é do mesmo comprimento, porém o comprimento total é de 0^m,22. No montão de cinzas não appareceu osso algum humano, e por conseguinte nenhuma queima de corpos se tinha ali feito, ainda que o solo por baixo mostrasse os signaes de ter havido um fogo violento; assim como de sepultura não appareceu indicio algum. Verificou-se terem servido

as cinzas e os carvões para serem espalhados em circulo no montão principal, e que á roda do recinto um circulo sagrado tinha sido traçado, sem duvida com esses restos: portanto era de suppôr que os mortos fossem enterrados no espaço comprehendido entre o circulo mais interno e o outro exterior; mas nenhum vestigio se encontrou, a não ser um pó esbranquiçado; talvez nos 20 seculos calculados terem já decorrido de existencia d'estes vastos monumentos funerarios teria o solo decomposto os corpos a ponto de deixar unicamente esse indicio no pó impalpavel! A acção destruidora da areia sobre os ossos dá logar a se presumir isso mesmo.

Uma importante questão, entretanto, parece ficar decidida por causa d'esta interessante descoberta, que vem tirar a duvida sobre o uso das cunhas de bronze nas ceremonias funebres do culto celtico. Muito embora houvesse tambem machados d'este mesmo genero para a guerra, todavia achou-se aquella de que tratamos enterrada no mesmo lugar onde se fez o sacrificio juntamente com o cutello sagrado, o que indica ser na verdade um attributo do pontifice. Quando o fogo tivesse consumido tudo, as cinzas e o carvão preparado para deitar no cofre de carvalho em que estavam depositados estes dois instrumentos sagrados, seriam então collocados em cima, como uma oblação feita aos deuses *Manes*. Dado que o pontifice descance ali debaixo d'esta collina, deve-se acreditar serem esses dois instrumentos, n'este caso, pertencentes ao culto. O cabo que teria o *kelt* devia ser muito curto, para poder entrar dentro do cofre, e como esse instrumento se achou posto mesmo no meio do cofre, por esse motivo o cabo não podia ter mais de 0^m,2 de comprimento, visto que o cofre na sua largura em quadrado era só de 0^m,4: finalmente, a fôrma da cunha, a sua muito pequena fôrma e a maneira como seria encavada provam com toda a evidencia não ter podido servir de arma de guerra.

(Conclue).

POSSIDONIO DA SILVA.

Reproduzimos a carta que no jornal *Commercio de Portugal* foi publicada em julho d'este anno, não sómente para advogarmos o dever que tem um paiz civilisado de curar da conservação das remotas antiguidades descobertas no solo nacional, como para offerecermos nova occasião aos leitores do *Boletim* de admirarem o talento e o saber de um erudito archeologo, lendo a instructiva narração historica das vicissitudes por que tem passado o territorio da nossa nação.

Tinhamos tambem por dever, o tornar mais uma vez conhecido dos nossos consocios o quanto se interessa o sr. Vilhena Barbosa pelos estudos archeologicos da sua patria, e egualmente manifestar

quanto os associados da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, sempre com acrisolado patriotismo, velam pela manutenção d'essas reliquias das antigas épocas, tanto para o estudo da sciencia como para a dignidade nacional.

O distincto director do referido jornal o sr. João Chrysostomo Melicio tambem um dos mais illustrados consocios, ergue a sua voz auctorizada para apoiar a solicitação do signatario da referida carta com a convicção da necessidade de não se menospresarem os valiosos vestigios dos povos que tiveram dominio em Portugal. Os nobres sentimentos que movem a este procedimento de tão elevado alcance, não precisamos de os exaltar; os leitores saberão avalial-os pelo que merecem.

A REDACÇÃO.

DECORO NACIONAL

Ao sr. ministro das obras publicas

«Da melhor vontade juntamos a nossa fraca voz ao caloroso e energico appello, que o nosso illustre e respeitabilissimo amigo o sr. Vilhena Barbosa dirige ao sr. ministro das obras publicas, a propósito do desacato publico de que estão ameaçadas as valiosas reliquias da civilisação romana nas ruinas da antiga Nabancia, descobertas pelo zelo incansavel do sr. commendador Possidonio da Silva, quando intelligentemente procedeu a excavações em Thomar, no sitio que lhe pareceu mais adequado para as suas investigações.

«O que está feito é muito, o que está descoberto é importante; pois todo o trabalho será perdido e passar-se-ha no nosso paiz um facto devidamente classificado na eloquente carta do sr. Vilhena Barbosa, que vamos em seguida publicar, se o sr. ministro das obras publicas não attender ás judiciosas e patrioticas instancias do erudito e honrado archeologo.

«Isto porém, não esperamos, porque fazemos justiça á intelligencia do sr. conselheiro Emygdio Navarro e pela consideração que de certo lhe merece o nome auctorizado e venerado do signatario da carta a que alludimos e que vae honrar as columnas do nosso modesto diario.

«É como se segue:

«Prezadissimo amigo. — Permitta-me que chame a attenção de v. ex.ª, e peça o seu auxilio a bem de uma causa de interesse publico e de decoro nacional.

«Uma das cidades romanas da antiga Lusitania mais importantes e de maior vastidão chamava-se Nabancia, e estava situada a 1 kilometro E. do rio Nabão, defronte, e a 2 kilometros da cidade, comparativamente moderna, de Thomar.

«Como tem acontecido a todas as outras cidades romanas, que floresceram em o nosso paiz, Nabancia foi perdendo, no correr dos seculos, depois de

arruinada e despovoada. quasi todos os vestigios da sua existencia.

«As povoações, que vieram estabelecer-se nas visinhanças da cidade assolada e derrocada pelas nações septentrionaes, destruidoras do imperio dos Césares, foram aproveitando para as suas edificações os materiaes da desmoronada Nabancia, até ao ponto de ser convertido em searas o terreno, onde outr'ora campeára aquelle importante centro de civilização romana.

«Lembrou-se, ha uns seis annos, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, archeologo intelligente e infatigavel, investigador de antiguidades patrias, de fazer algumas diligencias para levantar um canto da mortalha, que occultava Nabancia á vista dos amadores da archeologia portugueza. Mandou, pois, fazer escavações em diferentes logares, onde lhe pareceu mais conveniente, ou onde mais se facilitavam os trabalhos de investigação.

«Não se demoraram os resultados a corresponderem á expectativa. Foram descobertos não só claros vestigios de grandes edificios, e de encanamentos, mas tambem obras d'arte, que evidenciavam a existencia de construções grandiosas, principalmente em mosaico de muita belleza e amplidão, perfeitamente conservados.

«Animado com estes auspiciosos descobrimentos, o sr. Silva representou ao governo, demonstrando o muito que havia a esperar, attentos os descobrimentos realizados, de escavações bem dirigidas, e executadas em mais larga escala, e pedindo-lhe que quizesse tomar a si essa empreza, fornecendo-lhe os meios para levar por diante os trabalhos, apenas encelados.

«O sr. ministro das obras publicas, compenetrando-se das razões expostas, annuiu promptamente, e o sr. Silva, assim auctorizado, depois de obter do proprietario do terreno a necessaria permissão para dar começo a trabalhos regulares, e séguios sem interrupção, que forçosamente obstaríam á cultura do terreno, iniciou as novas escavações com fervor e actividade, compromettendo-se a alcançar do governo uma indemnisação para o referido proprietario pelos lucros cessantes.

«Ao cabo de tres annos de trabalhos de exploração dirigidos intelligentemente com bom methodo, e cuidado, para que não se destruísse os objectos achados, ficaram a descoberto, em uma superficie de uns quatro mil metros quadrados, pertencentes a duas propriedades: diferentes ruas calçadas, uma estrada, uma grande praça, que se presume que seria a que os romanos denominavam o *Forum*; os restos de um edificio sumptuoso, mosaico, em excellent estado de conservação, e com mais de cinco metros de diametro, edificio que parece que seria o tribunal de justiça, pois que deixa ver o logar

circular reservado para os juizes; os vestigios de um portico, decorado com dezoito columnas, que orlam tres lados de uma praça; um pedestal, que se julga ter servido de base a alguma estatua; um *balneum* (casa de banho), os restos de numerosos edificios de habitação particular, pela maior parte contendo lindos mosaicos; muitas columnas, bases e capiteis; a mão direita de uma estatua de bronze; grande quantidade de medalhas de diferentes imperadores romanos; extensos canos de esgoto nas ruas, os quaes, depois de desobstruidos, se reconheceram, que iam desaguar no Nabão; moinhos de mão; muitos pedaços de amphoras, de vasos de vidro, de tijolos e diversidade de outros objectos.

«Todos estes descobrimentos, feitos em um pedaço de terreno, que não obstante a extensão, que acima indicámos, é pequeno em relação á area, que se presume, com plausivel fundamento, que a cidade de Nabancia occupava, são promettedores, certamente, de mais rica e abundante colheita nas futuras explorações.

«Infelizmente pararam os trabalhos, quando tanto havia a esperar da sua continuação para a historia da Lusitania, para a sciencia archeologica, e para o engrandecimento do museu nacional de bellas artes.

«Resolvido o governo aprehender excavações n'aquelle logar, e vendo que estas começavam a descobrir os vestigios de Nabancia, de cuja existencia e importancia havia testemunhos claros e irrecusaveis, deveria ir fazendo aquisição dos terrenos, onde se executavam as explorações. Não o fez; mas annuindo á justa reclamação do proprietario do terreno, impedido de ser cultivado, concedeu-lhe uma indemnisação, relativa ao primeiro anno dos trabalhos de exploração.

«O proseguimento dos mesmos trabalhos nos dois annos seguintes inutilisou para a lavoura, não só aquelles terrenos já mencionados, mas tambem outros, de extensão dez vezes maior.

«Pediram indemnisação os proprietarios, mas foi em vão que a solicitaram, relativamente aos annos em que se executaram os trabalhos de exploração, e ao longo tempo decorrido depois de terem parado.

«Vendo assim desattendidas as suas justas reclamações, os proprietarios ameaçam destruir todos os restos da antiquissima Nabancia, até agora descobertos, para restituírem os terrenos ao seu anterior estado de cultura.

«Tem obstado até agora a que pratiquem um tal acto de devastação o sr. Possidonio da Silva, fazendo-lhes ver que o governo não póde deixar de respeitar os direitos de propriedade, indemnizando-os de todos os prejuizos. Porém, o tempo corre; e se o governo não toma uma prompta resolução, veremos commetter-se em o nosso paiz, que tanto se esforça

por progredir, e tomar logar honorifico no convívio das nações mais cultas, veremos commetter, repito, um acto de vandalismo, que nos envergonhará aos olhos do mundo civilisado.

«Os romanos deixaram assignalado o seu dominio na Luzitania, e bem commemorada a sua brilhante civilisação, com cidades florescentes, com monumentos artisticos, com obras grandiosas de utilidade publica, magnificas vias militares, templos sumptuosos, theatros, circos, etc., e outros padrões da sua poderosa iniciativa, e esclarecida organização social.

«A sanha brutal dos povos septentrionaes que derrocaram o imperio romano, no seculo v da era christã; e depois o odio fidalgo dos musulmanos contra os campeões da Cruz, na sua invasão e conquista da Península Iberica, nos principios do seculo viii, varreram toda a Luzitania com facho assolador, incendiando numerosas povoações; e lançando por terra os monumentos.

«Quando se viram senhores pacificos do paiz conquistado, fizeram como os visigodos, tres seculos antes, começaram a fundar novas povoações, a reconstruir algumas das antigas, e a levantar fortalezas com os materiaes das cidades e dos monumentos arrasados.

«Vencidos, a seu turno, mais tarde, e expulsos dos territorios, com os quaes os nossos primeiros reis foram constituindo o reino de Portugal, os portuguezes victoriosos seguiram o exemplo dos seus adversarios, no furor contra os padrões, que recordavam o dominio dos sectarios do alcorão, e no aproveitamento dos materiaes d'esses padrões, e do que restava ainda de pé das derrocadas cidades romanas, para as suas novas construcções.

«Foi dest'arte que desapareceram os vestigios da Olysipo, de Colipo, de Conimbrica, de Braccara Augusta, de Salacia Imperatoria, de Presidium Julium, de Pax Julia, de Lacobrica, e de tantas outras cidades romanas importantes. Se algumas d'essas antiguidades tem escapado á devastação incessante dos demolidores, continuada até ao presente, é porque o pó e as terras, levantadas pelas tempestades e arrastadas pelas torrentes pluviaes, no correr dos seculos, se foram amontoando sobre essas preciosas reliquias de extinctas grandezas, até as occultarem inteiramente ás vistas cubiçosas dos demolidores, tão implacaveis como ignorantes. Foi por este modo que se tem salvado de completa destruição os restos de Nabancia, de Celobrica (em frente de Setubal), de Lacobrica, e sabe Deus de quantas mais.

«Não fallámos de Eborá, porque tem conservado monumentos; por circumstancias especiaes, que attestam a sua importancia e florescencia sobre o dominio romano.

«Os cippos e outras inscripções lapidares, que são

documentos da existencia das cidades romanas da Luzitania, e os objectos de arte esculptural em marmore, bronze, ouro e prata, e as medalhas da mesma época, que ainda existem em collecções archeologicas do estado, e do paço da Ajuda, ou em poder de particulares, e muitas outras que tem sido desfeitas pelos ourives, ou levadas para fóra do paiz, todas foram descobertas em escavações casuaes.

«Pois se censuramos com tanta justiça as gerações, que nos precederam, por terem destruido, ou deixado que fossem soterradas as interessantes e nobilissimas ossadas de cidades, que floresceram em o nosso paiz, em tão remota antiguidade, e sob o influxo da mais completa e esplendida civilisação, de que ha memoria nos archivos da historia; se condemnamos como barbaros e selvagens os assoladores d'aquellas testemunhas, eloquentissimas na sua mudez, de um passado tão glorioso, o que dirão de nós os estrangeiros, se o governo consentir, que seja destruida, em 1888, a parte descoberta de Nabancia, á custa, não só de muitos e penosos trabalhos, mas tambem de alguns contos de réis do thesouro do estado?

«Portugal está hoje, felizmente, em muita mais evidencia, que outr'ora, aos olhos da Europa, e a noticia circumstanciada do descobrimento d'essa cidade romana foi apresentada, e recebida com satisfação e applauso no seio de algumas associações scientificas da Europa, sobretudo da França, de entre as quaes citarei a «Associação Franceza para o adiantamento das sciencias», que se apresou a dar publicidade á noticia no seu jornal.

«Ha bastantes mezes, que o governo tem todas as suas atenções, cuidados e esforços absorvidos por negocios e medidas importantes do estado nos differentes ramos da administração publica, e nas discussões das duas casas do parlamento. É de esperar da illustração e patriotismo do sr. ministro das obras publicas, que tendo mais tempo á sua disposição, depois de encerradas as camaras, attenda á conservação dos restos de Nabancia, satisfazendo aos proprietarios dos terrenos a justa indemnisação, que pedem, a não se resolver, como seria mais util e economico, expropriar todo o terreno, que serve de mortalha áquella cidade romana, afim de se proseguir pouco a pouco, nos trabalhos de exploração.

«Se v. ex.^a, que tão dedicado a é tudo quanto interessa á gloria, á honra, e aos progressos da nossa querida patria, julgar o assumpto merecedor da consideração, que lhe attribuo, e se lhe parecerem rasoaveis as observações e alvitres, que a esse respeito aqui tenho exposto, rogo-lhe que, a seu turno, exponha e advogue, com a sua palavra auctorisada, no jornal, que tanto se tem elevado no conceito publico, sob a sua direcção illustradissima, a causa

de que me tenho occupado, e que se me antolha, não só importante, mas até transcendente, pois que considero envolvidos n'ella actos de moralidade publica, de boa administração, e de decoro nacional.

«Creia-me invariavelmente

«De v., ex.^a etc.

«Lisboa, 14 de Julho de 1888.

«IGNACIO DE VILHENA BARBOSA.»

ANTIGUIDADES ROMANAS DO TERMO DE CINTRA

Damos publicidade a outra memoria archeologica inedita ácerca das antiguidades romanas que existem no concelho de Cintra, colligidas pelo antigo prior da freguezia de S. Martinho d'aquella villa o Padre Antonio Gomes Barreto que havia escripto e offerecido esta noticia a El-Rei o Senhor D. Fernando, em 1836, quando Sua Magestade adquiriu o castello dos Mouros.

N'essa época já o visconde de Juromenha tinha publicado uma interessante descripção a respeito d'esta encantadora localidade, e tambem dava informações historicas de merecimento; mais tarde, o Par do Reino, Sebastião Xavier Botelho, offereceu a Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II uma memoria mais circunstanciada da referida villa; memoria que Sua Magestade havia dado ao Sr. Possidonio da Silva para ler. Na presente memoria do padre Barreto, propunha elle ao Senhor D. Fernando uma util providencia, que infelizmente não se realisou; pois teria sido de subido alcance para se conservarem aquellas remotas antiguidades e muito convinha aos estudos archeologicos do nosso paiz.

Sendo tão raras as descripções archeologicas das differentes terras de Portugal, a circumstancia especial de ter sido *expressamente* redigida para ser offerecida ao saudoso Principe tão amador d'estes estudos, fará com que esta publicação desperte algum interesse aos leitores d'este *Boletim*.

A REDACÇÃO.

Senhor.

«Se attendera ao limitado circulo de minhas ideas, e á falta que ha de elementos, para poder fallar ácerca da origem e fundação do Castello d'esta villa de Cintra, e d'outros muitos Monumentos antigos que se achão n'ella, e seu termo, devia na presença de um Monarcha tão sabio, e intelligente como Vossa Magestade, calar-me sobre materia tão obscura e delicada: porem, Senhor, sabendo o gosto que Vossa Magestade tem pelas antiguidades d'esta notavel villa, e julgando-me na rigorosa obrigação de dar conta dos trabalhos e indagações que sobre este

objecto tenho feito, eu vou como prometti, apresentar a Vossa Magestade esta pequena Memoria sobre o Castello, Monumentos, Lapides e Inscriptões antigas que se encontrão por esta villa e seu termo, emittindo sobre cada um d'elles minha fraca opinião, e intelligencia. Vossa Magestade, ao prezente Senhor do Castello d'esta villa, um dos mais importantes Monumentos de Cintra, poderá n'elle reunir uma rica e curiosa collecção d'estes diversos Monumentos e Lapides, se os mandar ajuntar, e fazer d'elles um deposito em fórma de Cemiterio Romano, ou debaixo de qualquer outra delineação conforme o gosto e vontade de Vossa Magestade. Esta obra de si tão facil, será um embelezamento de gosto original e novo, e certamente o unico proprio d'aquellas veneradas ruinas, onde tudo deve estar em harmonia, e fazer sentir o respeitoso sentimento da antiguidade.

«Se pois, Senhor, este meu pequeno trabalho, e esta lembrança que acabo de referir merecer a alta e elevada consideração de Vossa Magestade, ficará d'elles bem recompensado.

«De Vossa Magestade

«O mais humilde e reverente

«O Padre Antonio Gomes Barreto.»

Primeiro Monumento de Cintra

O CASTELLO

«He bem sabido que Cintra he uma das Villas a mais antiga e notavel de Portugal, e que foi occupada pelos Carthaginezes, Romanos, Godos e Mouros, bem como o resto da Luzitania. N'ella existe grande numero de Monumentos que bem atestão a dominação, e assistencia que alguns d'estes povos por aqui tiveram, e estas testemunhas vivas depois de tantos seculos, são os inapreciaveis documentos de sua importancia e antiguidade, e os ricos thezouros que hoje tanto a enobrecem. Entre estes o que mais se avanta e dá na vista do observador curiozo que vezitar estes amenos e pitoresco logares, he o seu antigo Castello; esta magesloza obra fundada sobre o cume da aspera e alcantilada Serra que fica sobranceira á Villa, tendo tantos seculos de existencia, atravessando as revoluções dos tempos e a barbaridade dos homens, ainda hoje com ufania mostra a grandeza e solidez de suas ruinas.

«Não será facil o decedir qual d'estes povos construiria este espaçozo Castello, pois nem se encontra documento algum que descubra sua origem, nem sabemos que os historeadores tratem d'esta materia. A tradição que só pôde ser nossa guia, diz ter sido feito pelos Mouros, talvez fundada em

alguns vestígios de letras arabes, e emblemas ao Sol, Lua e Estrellas, que ainda se observão nas paredes de hum pequeno Templo de que parte existe em pé, ou porque estes forão os ullimos que d'alli forão expulsos. Entretanto se a tradição só he fundada em taes argumentos ainda pôde ser falaz, porque estas pinturas podião ter sido posteriores á sua edificação, e porque os Mouros invadindo a Luzitania de necessidade devião estabelecer-se em todos os pontos fortes e occupar os que já achassem fortificados, como fazem todos os Conquistadores. Alem d'isto o Templo não tem figura de Mesquita, nem as fórmãs d'Architettura arabe, constante, e uniforme entre este povo, não tem Minarete, genero de Torre espiral com galarias exteriores d'onde os Muezlins, ou Ismans, invião todas as quatro horãs, os Crentes a cantar hymnos em honra do Propheta, o que tudo nos persoa de que não só a Igreja como tambem o Castello são obras anteriores á occupação da Luzitania pelos Mouros. Julgamos portanto que o Templo he o mesmo que Druso Valerio Celiano e outros dedicarão ao Sol e Lua pela eternidade do Imperio Romano, e saude dos Imperadores Cezar Septimo Severo Augusto Pio, e de seu filho Cezar Mario, Aurelio Antonino, Augusto Pio e tambem de Julia Augusta mãi de Cesar o qual Rezende, Morales, e outros antiquarios collocão junto do Cabo da Roca, e logar d'Almoçageme, e que o Castello ou he obra Romana, ou fundado pelos Lusitanos para se deffenderem das frequentes invazões que soffrião. O certo he que esta grande obra ou seja Romana, Goda ou Arabe tem merecido a attenção geral de todo o homem de gosto já pela sua antiguidade e posição, como pela solidéz e originalidade de seus ediffícios.

«No archivo da Camera d'esta Villa, onde esperavamos achár alguma noticia sobre este importante Castello, e sua magnifica Cisterna e Mesquita, apenas encontramos duas Provizões antigas que fallão n'elle, huma parece ser do Sr. D. João II, e ordena que a Camera tape as portas da Igreja do Castello, para que os Judeos, então mandados para ali, não façam n'ella alguma couza que não seja do agrado de Deos, e a outra he da Rainha prohibindo como alta Donataria que elles sabião do Castello, e trazitem por esta Villa. Este primeiro documento como nos pareça curiozo, aqui o transcrevemos.

«El Rey Judeos Castello»

«Juizes nofficiaes e homees boos. Nos El Rey»
«vos enviamos muyto SSaudar vy a voosa Carta»
«que nos enviastes por aqual nos fazeis SSaber»
«o dapño que poderia vir nessa Villa por man-»
«darmos-estar os Judeos no Castello della E bem»
«assy por huma egreja que em ella esta nom teer»

«portas pois elles poderyão em ella fazer algumas»
«causaes que fosse pouco serviço de nosso Senñor.»
«Respondemosvos que nos avemòs por bem todavya»
«eles estarem no dito Castello como temos mandado»
«E quanto á egreja vos lhe mandaes fazer hunas»
«portas ou as taipar. E quanto aos mantimentos»
«bem lhos podes mandar vender de fora da dita»
«Villa como mandamosvos e mandamos que cun-»
«pries e façaes asy escripta em aldea gavinha»
«a XXIII de março Vicente Pires a fez de 1495.»

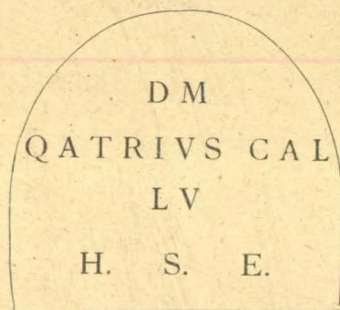
«Rey.»

«Eis aqui a esterilidade de noticias que temos a dar sobre este primeiro e mais importante monumento de Cintra, porque não quizemos referir o que sobr'elle se acha escripto pelas obras do Abade de Castro, Visconde de Santarem, Ricardo Raimundo, e outros que tem fallado sobre esta interessante Villa, e suas maravilhas.»

Segundo Monumento

URNA SEPULCRAL

«Seja o segundo Monumento, na ordem desta Memoria huma Urna Sepulcral que se acha junto á fonte do logar do Mourolinho, a hum quarto de legoa de Cintra, que tem a inscripção seguinte.



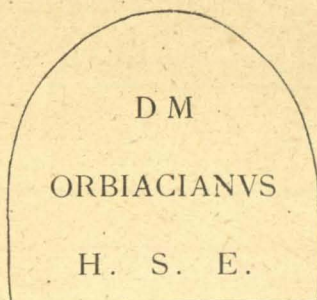
«Aos Deoses Manes Quinto Atrio Calsivero filho de Lucio aqui está sepultado.

«Tivemos muito trabalho para perseber os caracteres d'esta Inscripção; o musgo e algumas falhas da pedra por muito tempo os occultarão a nossos olhos.»

Terceiro Monumento

URNA SEPULCRAL

«No logar de Janas nas Cazas de Joaquim Manoel ha huma pequena urna sepulcral com este Epitafio.



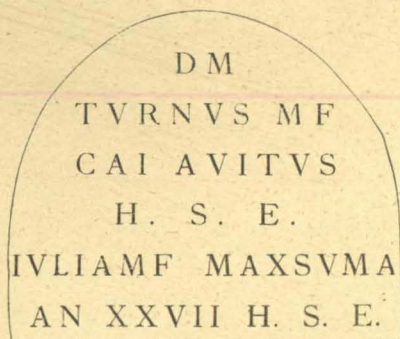
«Aos Deoses Manes Orbiaciano aqui está Sepultado.»

«Esta Urna é uma das mais pequenas que temos encontrado, e a qualidade da pedra é lióz com veios brancos e encarnados, e que só ha nas pedreiras de Peropinheiro, e desta mesma são todas as que temos visto pelo termo de Cintra.»

Quarto Monumento

URNA SEPULCRAL

«No mesmo logar de Janas que fica a distancia de huma legoa para o poente de Cintra, em casa de Manoel dos Santos está outra Urna com o Epitafio seguinte :



«Aos Deoses Manes Turno Avito filho de Mario da tribu de Caio aqui está sepultado. — Julia Maxima filha de Mario de 27 annos aqui jaz.

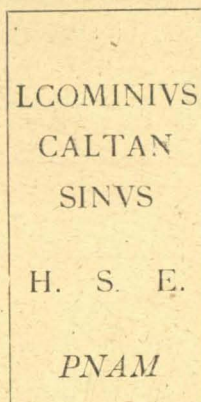
«Esta lapide tendo servido a diversos uzos domesticos, soffreo cortes sobre as letras ponteadas que imaginamos para ligar com as que se descobrem.»

Quinto Monumento

LAPIDE SEPULCRAL

«No sitio da Madre de Deos proximo a esta Villa, no muro da quinta do Ex.^{mo} Marquez de Borba se

vê um pilar de 7 palmos d'alto com o letreiro seguinte :



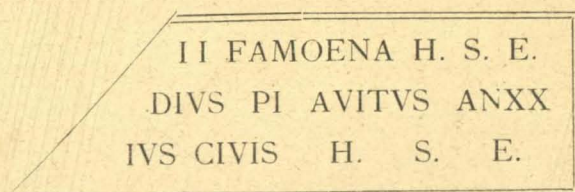
«Lucio Cominio Caltansino aqui está sepultado.

«Sobre esta lapide existe uma pequena crus, e por baixo do Epitafio, as letras *P.N.A.M.* padre nosso ave Maria, addições feitas por mão piedosa e pouco conhecedora da historia, e do verdadeiro sentido d'esta Inscrição Romana.»

Sexto Monumento

CAMPA OU LAPIDE SEPULCRAL

«Na quinta do Ex.^{mo} Conde de Cêa no sitio da Cabeça proximo a esta Villa appareceo á poucos annos a Lapide cujo formato e inscricao he o seguinte :

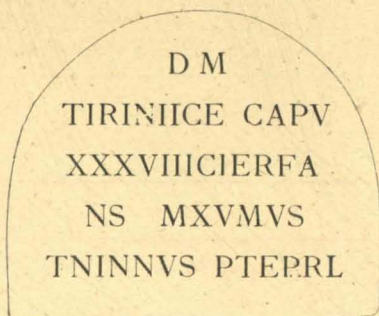


«A grande falta que tem esta pedra, nos priva de saber a quem pertenceo esta Campa, neste pedaço só podemos lêr os cognomes, — Amena e Avito de idade de 20 annos.»

Septimo Monumento

URNA SEPULCRAL

«No mesmo sitio da Cabeça na quinta de D. Antonia Dezideria de Rezende Cabral Gorjão ha huma grande Urna Sepulcral com o seguinte Epitafio:



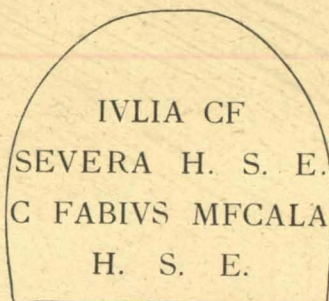
«Este Epitafio não poderá ser perfeitamente interpretado sem se mover esta lapide do local que occupa, e limpar-se do musgo que lhe cobre as letras, só depois destes trabalhos se lêrão os dois monogramas que tem, e se perseverará seu verdadeiro sentido, por agora parece-nos será este:

«Aos Deoses Manes.—A Terinecio Calpurnio de 18 annos Ciereno Maximo Eninno, ou Enianno, seu Pai rectamente collocou este Epitafio.»

Oitavo Monumento

EPITAFIO DE URNA SEPULCRAL ROMANA

«No adro da Freguezia do lugar de Montelavar a hum legoa de Cintra se observa uma pedra com o seguinte Epitafio.



«Julia Severa filha de Caio aqui está sepultada.—Caio Fabio Calpurnio filho de Mario de idade de... aqui está sepultado.

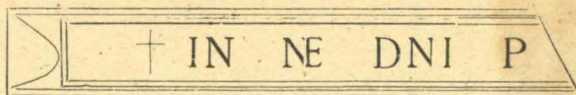
«Ha uma pequena falta nesta pedra, no local onde parece devião estar o numero de annos de Caio Fabio Calpurnio.»

Nono Monumento

LAPIDE GOTHICA

«No mesmo lugar de Montelavar em hum parede antiga que parece ter sido edificada pelos Mouros

se vê junto a um cunhál um pedaço de pedra com as letras e forma seguinte:



«In Nomine Domini Providens.

«Parece ter sido á dedicação d'algum Templo Gothico que allude esta lapide, pois esta era a formula, e estes os caracteres adoptados por esta Nação.»

(Continúa).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 85

MONUMENTO DA SÉ VELHA DE COIMBRA

Nenhum edificio antigo de Portugal tem tido mais do que a Sé Velha de Coimbra desencontradas opiniões acerca da sua primitiva construção, e do typo architectonico. O maior numero dos escriptores nacionaes attribue a sua edificação aos Godos por suporem pertencer este monumento religioso a um povo que na Lusitania foi poderoso e do culto do Christianismo, havendo deixado na Peninsula assignalada a sua desenvolvida civilisação: e esta convicção militou até ao ultimo quartel do presente seculo, pelos mais eruditos e acreditados historiadores nacionaes.

Outro ponto que tambem lhes mereceu occuparem-se com affirmativa, foi ter servido este edificio religioso de Mesquita no tempo do dominio do nosso paiz pelos Mouros, não obstante não se ignorar a sua entranhavel aversão á nossa religião; havendo ainda outras poderosas provas demonstrativas da falta de fundamento para ser aceite essa infundada conjunctura.

O que causa bastante admiração, é terem querido provar como positiva esta indicação, por haver no edificio na parte externa do lado norte uma das pedras de granito da construção, onde apparece gravada em caracteres arabes uma invocação ao seu Propheta, porque sómente os seus adoradores, e não os christãos, mandariam collocar no edificio semelhante testemunho da sua crença.

Para se refutar esta asserção mesmo se não houvesse no nosso paiz um outro exemplo, e ainda é mais para estranhar o que existia no convento de Monchique no Porto, em que havia outra lapide de granito com uma inscripção de caracteres arabes invocando tambem a protecção Divina; inscripção que obtivemos, faz parte da collecção archeologica do Museu do Carmo, e já foi publicada no Boletim d'esta Associação.



Fachada da Igreja da Sé Velha de Coimbra

Este notavel edificio religioso foi mandado construir pelo fundador da nossa nacionalidade, sendo uma das provas d'isso estarem todas as pedras de sua construcção com signaes gravados pelos operarios, como se encontram em todos os outros edificios, quer religiosos, quer militares, que El-Rei D. Affonso Henriques fez construir; tendo deixado mais de cem egrejas no solo portuguez. Nem os Godos nem os Mouros tinham por costume marcar a cantaria. Este costume principiou no xii seculo e continuou na Europa central com a instituição da corporação dos obreiros designados Franc-Maçons.

Como poderia pois este antigo edificio pertencer aos Godos e servir de Mesquita, quando elle ainda não tinha sido construido?!!¹

Quando fomos encarregados pelo Governo em 1883, da commissão para a conservação dos monumentos nacionaes, havendo dirigido questionarios a todos os municipios a fim de nos informar quaes os monumentos antigos que no seu respectivo districto houvesse, a camara de Coimbra encarregou cavalheiros illustrados de responderem a esses quesitos, os quaes citam a *Sé Velha de Coimbra como sendo edificação de El-Rei D. Affonso Henriques!* É curioso que no numero d'essas pessoas que assignaram as respostas aos referidos quesitos, havia algumas que tinham sustentado antes, ser a Sé Velha não sómente construcção dos Godos, mas ter servido de Mesquita aos Mouros: essas pessoas são de conhecida intelligencia, mas os factos vieram convencel-as de que laboraram sómente em falsas conjecturas.

Quando em 1884 apresentámos o nosso relatorio geral ao Ministerio das Obras Publicas e descrevemos o estado de conservação dos edificios publicos da cidade de Coimbra; tratando da Sé Velha, representamos ao Governo a urgencia de se curar da restauração d'esse notavel monumento, pela seguinte maneira: ²

«COIMBRA — *Dirigi-me depois a Coimbra, onde em 1837, podera apreciar os edificios antigos, tão interessantes pela sua architectura, como pelas suas recordações historicas. Fui ver primeiramente a magestosa egreja da Sé Velha, velha não só pela epocha da sua construcção, velha também pelo seu estado de ruina! Quem contemplar o imponente portal principal d'este venerado edificio religioso, e observar hoje (1884), o aspecto vergonhoso e*

desmoronado da entrada para o templo, em que os capiteis das doze columnas que decoravam o portal estão suspensos no ar, como se quizessem protestar contra a falta de apoio que deviam ter, e observar o corroído das arestas dos resaltos das caixas em que figuravam, e a sua porta de boa madeira estando estallada por se não lhe ter renovado a pintura ha muitos annos, não poderá deixar de lastimar e censurar, por mais indifferente que seja ao apreço das Bellas Artes, a incuria, desleixo e o abandono a que tem chegado esse edificio! Como não podia ficar silencioso, cumpro o meu dever revelando estas penosas impressões. Informei d'isto o Ex.^{mo} Ministro, instando para que se dignasse mandar compor o portal de tão importante monumento, afim de que não permanecesse por mais tempo em semelhante ruina. S. Ex.^a determinou que se fizesse o orçamento d'essa reparação; porém até ao presente (1885), ainda não principiaram os trabalhos!»

Passaram-se 26 annos sem se tomar nenhuma resolução afim de se evitar a merecida censura dos visitantes estrangeiros pelo desprezo que se nota em salvar-se da destruição os monumentos nacionaes do nosso paiz: mas felizmente, n'este segundo semestre de 1888, o Governo attendeu a uma recente representação do Instituto Archeologico de Coimbra, (1888), concedendo uma verba para se restaurar o referido portal d'este edificio religioso; o que é muito para louvar, e dá esperanza de que outros antigos monumentos mereçam as necessarias restaurações que ha muito lhe teem faltado, e por que temos instado.

Desejaremos que esta restauração do portal da Sé seja feita respeitando-se o typo architectonico que representa, e não aconteça a monstruosa alteração que executaram no portal da egreja da Batalha, que é o mais evidente testemunho da falta de conhecimentos archeologicos para se ter executado tão absurda obra; havendo-se alteado o portal com mais meio metro, tirando-se-lhe a proporção correspondente ao estylo ogival, ficando substituido com as proporções do estylo classico romano! Qualquer pessoa instruida no que corresponde aos caracteres respectivos dos differentes estylos, ficará incerta do que vir executado no portal da monumental egreja da Batalha; pois admirando n'aquelle soberbo edificio, todas as suas partes, o estylo conforme e correcto da architectura ogival, não poderá explicar o aleijão que tem presentemente o portal! É de esperar, que a restauração da Sé Velha de Coimbra não possa merecer dos entendidos a justificada critica da desastrada obra do portal da Batalha.

A photographia do presente n.º d'este *Boletim* apresenta o portico onde estão visiveis os capiteis,

¹ Poderá explicar-se a presença d'estas inscripções nos dois edificios do christianismo, porque quizeram erguel-os sobre o mesmo local onde existiram as mesquitas maiores conservando-lhe prova d'isso as invocações citadas, com o fim de ficar assignalado o triumpho do culto Christão sobre a seita de Mahoma?

² *Boletim* n.º 10, 2.ª serie, tom. 5.º pag. 156, da Real Associação dos Architectos Civis a Archeologos Portuguezes; copia d'este relatorio.

faltando-lhes os fustes. O citado portal tinha então, em 1857, apenas a falta de *um unico fuste* das columnas da composição do seu primitivo portal e se por ventura se tivesse reparado logo essa falta, como fiz constar não teria soffrido a *ruína total dos outros fustes*, evitando-se maior despendio com a sua restauração, e poupando-se igualmente á Nação o vergonhoso abandono, com que por tantos annos esteve exposto esse notavel edificio ás censuras do publico illustrado.

POSSIDONIO DA SILVA.

CONSELHOS DOS ARCHEOLOGOS

PARA A CONSERVAÇÃO DE OBJECTOS ANTIGOS SOTERRADOS

Madeira. — Para evitar que sequem e rachem repentinamente os objectos de madeira, extrahidos do solo, serão mettidos por algum tempo na agua ou cobertos de turfa, de relva ou musgo, humidos. Para os transportar devem-se embrulhar em uma camada de musgo ou de feno, e depois mettel-os bem apertados em palha. Para os conservar serão cobertos n'uma mistura de petroleo e verniz (receita n.º 1), desembrulhando-se o menos possível do musgo em que estiverem acondicionados. Os objectos mais pequenos serão cobertos d'uma solução de resina (receita n.º 2) ou ainda melhor, (à excepção de objectos de carvalho), fervidos em uma solução concentrada de pedra hume.

Ossos, marfim, paus de veado e coral. — Não deverão, como se faz com a madeira, senão seccar pouco a pouco. Os objectos muito friaveis devem ficar cobertos de terra. Para se conservarem deverão molhar-se na solução de resina (receita n.º 2). Não se lhe deve tirar a sua *grangue* senão depois que o banho os tenha sufficientemente endurecido.

Couro e tecidos. — Deixar-se-hão tambem seccar lentamente. Para a sua conservação serão mettidos na solução de resina (receita n.º 2). Se o objecto fôr rijo e quebradiço, deverá empregar-se uma mistura de benzina e oleo de papoulas (receita n.º 3).

Bronze. — Deverá ser tratado com a maior prudencia, porque os objectos de bronze são muitas vezes friaveis ou quebradiços. É preciso examinar se não leem vestigios de madeira, crinas ou tecidos adherentes ao bronze, assim como incrustações de ouro, prata, marfim, coral, esmalte e ambar. Limpam-se os objectos de bronze, lavando-os com cuidado em agua morna. Se o metal fôr resistente e a lavagem não bastar, ficará o objecto em banho de agua de sabão, ou de uma barrella muito misturada de polassa *pura*; depois enxaguar-se em agua morna, escovando com uma brocha ou um pincel macio.

Maneira de conservação. — Os objectos de um bonito verde, e que parecem sufficientemente resistentes, não precisam de nenhuma outra cousa; mas os que estiverem pouco coloridos e que são friaveis, devem ser mettidos no banho da solução de resina (receita n.º 2). Se são descolorados, mas resistentes, separam-se do banho e mettem-se na mistura de benzina e oleo de papoulas (receita n.º 3); depois se escovarão com uma brocha macia, e em seguida com outra mais aspera.

Os objectos com textura cristallina deverão ser mettidos em uma barrella de soda pura, um pouco morna e muito fraca, lavados e esfregados com escova em agua tepida, e depois de estarem seccos, embebidos na dissolução de resina. Nos logares aonde appareçam depois efflorescencias, serão relocados com uma dissolução de colla de peixe ou de gomma laca (receita n.º 5).

Ouro. — Será bastante tirar-lhe a sujidade lavando o objecto em agua morna.

Prata. — Deverá ser tratada com precaução, porque é muitas vezes quebradiça. Limpal-a como se pratica com o bronze.

Processo para a sua conservação — Os objectos, depois de ficar o metal inteiramente limpo, serão lavados em uma dissolução abundante de ammoniaco, e seguidamente lavados em agua tepida, que se aquecerá para separar o ammoniaco. Os objectos quebradiços devem, depois de cuidadosa lavagem com agua tepida, ser embebidos em dissolução de resina (receita n.º 2), e depois entregues a um ourives habil para lhes dar o ultimo preparo.

Chumbo e estanho. — Estes objectos são quasi sempre de uma côr parda-esbranquiçada, tendo a apparencia de osso; o maior numero é muito friavel. Devem lavar-se em agua quente e seccar-se com cautella; conservam-se molhados com dissolução de resina (receita n.º 2).

Ferro. — Os objectos onde o ferro ficou inteiramente no estado metallico, devem ser lavados e depois untados com um preservativo da acção do ar (receita n.º 4). Os que estiverem já alterados pela ferrugem, devem ser embrulhados em cassa e mettidos em barrella de agua morna, ajuntando-lhes uma porção de soda *pura* ou de cal viva. Esta barrella deverá ser contínua, mudando-se-lhe a agua todos os dias, até que o liquido não produza deposito atrigueirado. Faz-se então seccar o objecto, mette-se depois em alcool simples durante seis a oito dias, fazendo-o seccar de novo a um calor brando. Finalmente embebem-se muitas vezes os objectos de grandes dimensões, aquecidos n'uma mistura, em partes iguaes, de azeite de linhaça ou verniz de petroleo; em quanto que os pequenos objectos se mettem n'uma dissolução de resina (re-

ceita n.º 2). Os objectos *inteiramente* alterados pela ferrugem, devem do mesmo modo ser embrulhados em cassa, mettidos na barrella durante alguns dias, sendo primeiro em agua, depois em alcool e postos a seccar lentamente. Collam-se as parcelas soltas com colla de peixe, depois serão embebidos, como já se explicou, ou ainda melhor, em uma dissolução de gomma laca em alcool, ajuntando-lhe uma quasi nada de oleo de Ricinos (receita n.º 5). Se o objecto achado estiver em tal estado que haja receio de se reduzir a pó, metter-se-ha sem nenhum outro preliminar na dissolução de gomma laca (receita n.º 5), embrulhando-se em cassa e pondo-se n'um sitio quente e secco. Renovar-se-ha muitas vezes a embebição, mesmo passado muito tempo.

Ceramica. — Os objectos de argila devem seccar-se com precaução, depois escovados, lavados com uma esponja em agua limpa e postos a seccar novamente. Deve-se ter cuidado com as pinturas quando se escovarem. Os bocados unem-se com colla de peixe, melhor ainda colla americana ou colla liquida fria (receita n.º 6). Tapam-se as fendas com cartão-pedra (receita n.º 7).

Processo para a sua conservação. — Os objectos friaveis devem ser embebidos em oleo de *Belmontil*, ou na falta d'elle, mettidos na dissolução de resina (receita n.º 2). Dá-se brilho ao fundo e á decoração por uma embebição superficial de mistura de benzina e oleo de papoulas (receita n.º 3). Escovam-se com cautela.

Vidro. — O vidro colorido lava-se com cuidado em agua tepida. Consegue-se a sua conservação pela embebição de uma mistura de benzina e oleo de papoulas (receita n.º 3). Ajuntam-se os bocados com colla de peixe.

O vidro branco não necessita nenhum preparo, salvo se estiver em pessimo estado.

Ambar. — applica-se o mesmo processo que no vidro.

FORMULAS DIVERSAS

As substancias empregadas para a conservação dos diversos objectos antigos, devem ser preparadas conforme as seguintes receitas:

1.ª **Mistura de petroleo e de verniz.** — Petroleo clarificado de primeira qualidade e verniz, misturado em partes eguaes.

2.ª **Dissolução de resina.** — Fazer dissolver 15 grammas de resina em 130 grammas da benzina pura; ajuntar-lhe 20 grammas de oleo de papoulas, tirando-se-lhe a côr, e 150 grammas de essencia de terebenthina de primeira qualidade. As duas ultimas substancias deverão ser introduzidas não separadamente, mas no estado de mistura preparada antes. Depois de bastante tempo de repouso, o li-

quido fica espesso; para lhe dar a sua fluidez, adiciona-se uma pequena porção de essencia de terebenthina.

3.ª **Mistura de benzina e oleo de papoulas.** — 20 grammas de oleo de papoulas, tirando-se o colorido, e 270 grammas de benzina pura de primeira qualidade.

4.ª **Untura para o ferro.** — a) Cera branca dissolvida em benzina ou com terebenthina. — b) Parafina dissolvida do mesmo modo. — c) Oleo de Belmontil. — d) Vaseline de Virginia. — e) Cérotine.

5.ª **Dissolução de gomma laca.** — Fazer dissolver a gomma laca em alcool concentrado e ajuntar ao liquido — que deve ficar muito fluido, — algumas gottas de oleo de Ricinos.

6.ª **Colla liquida a frio.** — Para os objectos de argila ou de osso. — Em uma dissolução quente e muito fluida de colla de primeira qualidade, metter um volume duplo de gomma arabica; chocalhar até ter consistencia de mel, depois ajuntar-lhe um pouco de glicerina.

7.ª **Cartão-pedra.** — Fazer cozer até ficarem bastante espessas 500 grammas de colla de primeira qualidade; metter dentro tres folhas de papel branco, de formato commum, grosso e passento, ou quatro folhas de papel de seda branco, cortado em muitos pequenos bocados; mecher até que o fervido fique bem homoganeo; deitam-se-lhe pouco a pouco, sem cessar de mecher, 2 kil. e 500 gr. de cré, passada por peneira de seda, depois 80 gr. de oleo de linhaça. Finalmente, para evitar que a colla apodreça, convém ajuntar ainda 50 gram. de terebenthina de Veneza.

O petroleo, a terebenthina, o alcool e a benzina para o emprego d'estas receitas, são substancias muito inflammáveis, e por isso as manipulações indicadas não devem ser feitas dentro de casa. As misturas só deverão executar-se sendo aquecidas sobre fogão (poêle), para evitar sinistros.

CHRONICA

O nosso consocio Mr. Henrique Viou, distincto gravador francez, offereceu a S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz um exemplar da copia do painel do celebre pintor Messonier, gravado com grande primor e tirado em pergaminho *avant-la-lettre*; havendo encarregado d'essa entrega ao nosso presidente. Sua Magestade apreciou com a competencia que o distingue, este esmerado trabalho, dizendo ao sr. Possidonio da Silva para agradecer aquella offerta, e quanto estimou o merecimento d'esta produção artistica.

Pela mesma occasião mandou este socio um exemplar do mesmo trabalho; impresso sobre papel e tirado tambem *avant-la-lettre* para a nossa associação;

como uma lembrança de sua consideração e estima. Foi aceite com muita satisfação por termos sido contemplados com uma gravura de tanto merecimento, a qual augmentará a fama do insigne artista.

O sr. Bacharel Antonio dos Santos Rocha, tendo feito investigações a dois kilometros da Figueira da Foz nos montes que limitam esta villa do lado do Norte, encontrou quatro tumulos, havendo construcções megalithicas soterradas no centro d'esses monumentos. Achou ossos humanos e de animaes; assim como machados e instrumentos de silex em abundancia da idade neolithica; e mesmo nos arredores e sobre o solo muitas facas e machados inteiros e quebrados, o que denota a existencia prolongada dos homens da idade de pedra polida n'esta localidade.

Uma memoria bem circumstanciada d'este descobrimento, acompanhada d'uma introdução em que sobresaem os conhecimentos archeologicos d'este cavalheiro, faz mais interessante esta publicação, onde o seu auctor dá occasião a se avaliar o seu saber, e quanto deseja que os estudos prehistoricos sejam mais conhecidos no seu paiz. Remetteu um exemplar com gravuras para a bibliotheca da nossa associação.

O sr. Possidonio da Silva participou ao Instituto de França ter assistido á trasladação dos restos mortaes do eminente historiador Alexandre Herculano, para o seu tumulo na igreja de Belem.

O secretario perpetuo da secção da Academia das Inscriptões e bellas lettras Monsieur Henrique Wallon, fazendo sciente na sessão do Instituto o procedimento do sr. Silva, determinou que se lhe agradecesse, por ter concorrido para render homenagem ao distincto historiador portuguez, que fôra socio correspondente do mesmo instituto.

NOTICIARIO

A maneira mais recente para operar a clarificação das aguas dos canos dos esgotos é pela electricidade. O chimico inglez Mr. Webster faz passar n'essas aguas, entre dois electrodes, uma corrente engendrada por duas machinas dynamo; isto é, em lugar de introduzir reactivos chimicos na materia, faz a reacção servindo-se da corrente electrica entre os corpos que constituem a materia a clarificar. Bastam quinze minutos, toda a materia solida, em lugar de ser precipitada, fica reunida em uma camada flutuante á superficie do liquido: a escuma que produz faz-se correr para fóra e fica o liquido claro, *sem conservar cheiro algum*. Experiencias repetidas comprovaram a efficacia d'esta descoberta tão importante para a salubridade das cidades.

Haverá em 1892 uma exposição universal em New-York, da qual se organizará depois uma permanente, afim de melhor reconhecer a historia, os recursos, as artes e a industria das tres Americas.

Uma *terceira esculptura* representando o busto de uma mulher da *época quaternaria* dos habéis artistas da raça magdalienne acaba de ser descoberta em uma caverna de *Ariège* (França). E' esculpido n'uma raiz d'um dente, não tendo bastante grossura para se poder indicar as espadas e os braços: não obstante as suas imperfeições, este busto é muito notavel.

Não havia até agora nenhuma noticia a respeito dos caracteres das raças humanas quaternarias, possuindo-se apenas tres gravuras com representações de mulheres magdalenienes: a *Venus* achada em *Laugerie-Bosse*, a mulher rangifer, conhecida mais communmente pelo nome da *mulher pejada*, e o busto citado.

Fundou se uma sociedade no Perú, em *Mollendo*, com o fim de procurar antiguidades nas sepulturas dos Incas que existem na região de *Cuzco*.

Este anno o 33.º Congresso archeologico de França teve lugar em Dax e encerrou-se em Bayona em Junho: concorreram 262 membros francezes, hespanhoes e inglezes, tendo-se occupado de grande numero de trabalhos e de communicações prehistoricas de bastante interesse. Foi organizado este congresso pelo respectivo Director o nosso consocio honorario Mr. Conde de Marsy.

Dirigiram-se depois a fazerem uma excursão em S. Sebastião, onde os archeologos e as auctoridades hespanholas lhes deram as maiores provas de consideração e estima.

O banquete, que é costume haver antes de se separarem os congressistas, foi dos mais festejados, fazendo-se votos pelo progresso dos estudos archeologicos nos paizes em que elles são apreciados.

Não é sómente em França que annualmente se reúnem as pessoas dedicadas a estas investigações instructivas; na Inglaterra é quasi *todos os mezes* que os archeologos visitam as provincias para colherem mais elementos para esses estudos.

Em Barcelona a benemerita Associação *Catalanista* faz excursões scientificas nas estações favoraveis para esses trabalhos; e na Italia, em todas as suas provincias e *em todos os mezes*, fazem-se investigações archeologicas, para o que o seu illustrado Governo não nega os subsidios necessarios.

No nosso paiz nenhum empenho ha por estes estudos, e é tal a incuria, que havendo os archeologos dos paizes do Norte concordado que *de dois em dois annos* houvesse um *Congresso Internacional*, como se tinham realisado em Dinamarca, Suecia, Gran-Bretanha, Italia, Belgica, Austria, Hungria e Portugal, sendo na reunião do ultimo paiz que se deveria indicar a localidade em que depois esse Congresso internacional teria lugar; já se passaram *oito annos*, e Portugal não pensou mais n'isso, tendo pois concorrido sem pensar, para se obstar ao progresso da anthropologia e archeologia prehistorica, annullando o accordo que os archeologos internationaes anteriormente tinham deliberado e cumprido!